

## **Museu da Loucura: uma história pública do Hospital Colônia de Barbacena – MG**

Maria Fernanda Pimenta Fróis<sup>1</sup>

### **Introdução**

Inaugurado no ano de 1996, nas dependências do antigo Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), o Museu da Loucura, apresenta ao visitante a trajetória do popularmente chamado “Hospital Colônia” desde sua fundação, perpassando pelo processo de reforma psiquiátrica. Atualmente, o local se encontra aberto para visitação do público com entrada gratuita e sua idealização foi possível a partir de uma parceria entre a Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG) e a Fundação Municipal de Cultura de Barbacena. O local conta com um acervo que vai desde os antigos uniformes dos internos, fotografias, digitalizações de reportagens da época até objetos pessoais de determinados pacientes como, por exemplo, bonecas.

A dinâmica na qual o Museu foi pensado, apresenta ao visitante a trajetória da instituição que vai de encontro com o histórico da psiquiatria no estado de Minas Gerais. A história do local é contada linearmente desde os aspectos que foram fundamentais para a inauguração do hospital em 1903, passando pelos tratamentos a que os pacientes eram submetidos, atravessando pela efervescência de denúncias da imprensa entre as décadas de 1970 e 1980. O acervo do Museu, é composto por itens como os uniformes dos pacientes, os antigos aparelhos utilizados para aplicação de eletrochoque, conta com recursos audiovisuais que reproduzem sons e imagens do documentário *Em nome da Razão* (1979), gravado dentro do Hospital Colônia e dirigido pelo cineasta Helvécio Ratton e também matérias que foram divulgadas pelo jornal *Estado de Minas* e que possuem o

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) pela mesma Instituição na linha de pesquisa intitulada Cultura, Relações Sociais e de Gênero. E-mail para contato: m.fernandapimenta01@gmail.com.

Colônia como centro da notícia em datas variadas. Atualmente, o Museu faz parte da rota de circuito turístico da Estrada Real.

O prédio de dois andares, mescla as fotografias que estavam presentes nos jornais, fotografias do fotógrafo Luiz Alfredo e pequenos fragmentos do documentário com itens que faziam parte do cotidiano do antigo Hospital, acompanhados de blocos de textos e descrições em uma tentativa de dinamizar a experiência do visitante com o acervo. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo principal a análise do papel que esse Museu desempenha enquanto um espaço que pretende trazer ao público o contato com o que a autora Cristina Meneguello intitula de “patrimônios difíceis”. Esses patrimônios são aqueles que derivam de problemas sociais e que, em alguns casos, geram incômodo e atravessam por tentativas de esquecimento ou apagamento dentro de uma sociedade, que em alguns casos procura esquecê-los. Sobre a inauguração do Museu, Ana Boff de Godoy aponta:

A inauguração do Museu da Loucura não é somente um acontecimento histórico; não é somente um acontecimento discursivo; é também a instauração de um novo arquivo, o qual participa do próprio processo de identificação da cidade de Barbacena. Processo que passa pela ressignificação de sua alcunha Cidade dos Loucos, por meio da valorização de uma memória que insiste em se reinscrever. (GODOY, 2014, p. 35)

Essa ressignificação que a autora aponta diz respeito aos recorrentes esforços que a cidade de Barbacena fez para se desvincular da ideia de Cidade dos Loucos ou de outras associações, em alguns casos pejorativas, existentes à medida que o Colônia se tornou reconhecido no cenário nacional, considerando tal associação entre a loucura e cidade como prejudicial. Esses esforços podem ser vistos, por exemplo, com o título de “cidade das rosas” que a cidade tenta divulgar a partir do incentivo ao cultivo dessa espécie que movimentava o comércio da região em uma tentativa de “promover” as rosas em detrimento dos loucos. A cidade de Barbacena, a medida em que o Colônia se tornava uma referência no

Brasil, teve o estigma da loucura sempre a acompanhando em sua formação e de seus habitantes.

Valéria Bergamini (2020) a partir de sua tese, constata que apesar das tentativas, essa substituição não aconteceu no imaginário popular, o fato de se associar Barbacena com rosas não é uma unanimidade e não substituiu a ligação existente entre loucura e a cidade, seguindo presente na atualidade. Um fator que pode justificar essa consolidação da expressão é a curiosidade popular em temáticas voltadas para o louco e os assuntos que o cercam, o segundo ponto é apontado pela autora Maristela Nascimento Duarte (2009) de que demonstra que o termo “cidade dos loucos” se popularizou para além dos cidadãos comuns, mas também com a ajuda da imprensa.

A escolha do Museu da loucura como local de análise centra-se no intuito de se apresentar o Hospital Colônia para além de um local de tratamento, mas também como reflexo da imposição de padrões de desempenho e uma sociedade que vivia na dualidade entre comportamentos que se adequavam ou não às suas intenções de desenvolvimento. Os tratamentos, eram de conhecimento do Estado, que manteve em funcionamento um Hospital, considerado para especialistas do meio um modelo de assistência psiquiátrica no país.

### **História Pública e o acervo do Museu da Loucura**

Tornar pública a história do Colônia, representa um passo importante não apenas no sentido de deixar que as denúncias em relação a superlotação dos espaços, da falta de tratamento especializado e também do descaso do Estado para com a situação não se perdessem, mas também aproximar do público a história da instituição e seus pacientes enquanto tenta romper com estigmas existentes dentro da sociedade. Nesse sentido, a História Pública é compreendida aqui a partir do que Ricardo Santhiago (2016) chama de “história para o público”, que é quando o conhecimento histórico não fica restrito ao meio acadêmico e consegue alcançar outros públicos e espaços que não os acadêmicos.

O acervo do Museu da Loucura ao escolher contar a história do antigo Hospital Colônia a partir da formação da instituição e também dos pacientes assume a posição de mediadora desses patrimônios com o público, e ressignifica itens que poderiam, em alguns casos, passarem despercebidos quando observados de forma isolada como, por exemplo, as panelas que eram utilizadas na cozinha da instituição.

Os antigos caldeirões, tabuleiros e leiteiras que eram usados na preparação dos alimentos, ganham um destaque em uma das salas do Museu. Em visita ao local, o idealizador que além de historiador é artista gráfico, Edson Brandão, relata que os itens seriam descartados e ele interviu porque considerava que os mesmos, acompanhados de descrição e um posicionamento adequado conseguiriam trazer



ao visitante a perspectiva também sobre como seria a alimentação dos pacientes. Podemos observar na imagem, que ao fundo das panelas existe uma fotografia de dois internos comendo.

(Autoria Própria, 2023)

Em entrevista ao *Jornal Estado de Minas* em 22/09/1979, um dos antigos diretores do Colônia, ao ser questionado pelo jornalista Hiram Firmino sobre os alimentos que faziam parte da dieta dos internos e também sobre a quantidade de refeições que eram ofertadas, apresenta ao jornalista, com certa naturalidade explicando que o uso de utensílios como garfo e faca eram dispensáveis pois apresentariam riscos aos pacientes que podiam machucar os outros e a si mesmos. Além disso, o diretor, ao argumentar sobre a comida ser servida triturada, sendo quase impossível de se identificar os alimentos que a compunham, relata que parte dos internos já havia perdido os dentes e, por esse motivo, aquela forma de servir a alimentação facilitaria o processo.

Ainda tratando do processo de trazer para contato do público que visita o Museu, elementos do cotidiano dos pacientes, em uma posição de destaque estão alguns pertences como bonecas e carrinhos. Assim como outros itens do acervo, o destaque para as bonecas é dado a partir do posicionamento da luz no local, as mesmas encontram-se dentro de um armário, feito a partir de janelas que pertenciam à Instituição. Além do destaque para o móvel que fica pendurado na parede, uma das bonecas chama atenção pelo seu tamanho, não era uma boneca simples, feita com panos e retalhos de tecidos como as outras do acervo, a boneca em questão era comercial, estava vestida como criança e calçava sapatos. Segundo uma funcionária do Museu, o brinquedo foi um presente de um médico residente que trabalhou em Barbacena à interna Sueli Rezende, essa paciente ganhou destaque nas filmagens do documentário de Ratton com sua irreverência ao cantar uma música que denunciava os maus tratos sofridos a partir do tratamento ofertado por parte dos funcionários do Hospital. No entanto, no Museu, os únicos itens que remetem diretamente à Sueli no acervo são a boneca e parte da música que a interna canta no documentário que está em um bloco no chão do segundo andar.

Outro ponto que chama atenção durante a observação destes itens, é que um dos bonecos está com as mãos amarradas, como se estivesse com algemas e

este item fosse quase como um adereço assim como o chapéu e o cachecol que o boneco usa. A presença deste item era tão comum nos espaços habitados pelos pacientes que também foi materializado por algum deles no boneco, o cachecol para proteger do clima frio e das baixas temperaturas da cidade de Barbacena e as algemas como um item que por estar sempre ali acabou sendo normalizado em certa medida pelos internos. Os bonecos que em um primeiro momento podem parecer itens inocentes, a partir do destaque dado pelo historiador, levam a reflexão de como os pacientes estavam imersos na dinâmica de reclusão do Hospital.



(Autoria Própria, 2023)

Podemos notar, que as bonecas também faziam parte da vida desses pacientes dentro do Colônia, sobretudo para as pacientes mulheres que em alguns casos eram afastadas de seus filhos ou tinham suas infâncias interrompidas. Esse fato fica explícito em uma matéria divulgada pelo jornal *Estado de Minas* em 27/09/1979, com o título que seria um pedido de alguma interna “*Queremos mais bonecas. Uma distração qualquer para suportar este inferno*”, o título da notícia vinha acompanhado de quatro fotos de uma mulher que sorria em uma das imagens enquanto brincava com sua boneca. Assim como nas reportagens feitas pela



imprensa escrita, as bonecas aparecem no Museu e chamam atenção por também apresentarem elementos que remetem aos pacientes mesmo que à primeira vista possam parecer “comuns” assim como as painéis. Esses itens, assim como outros do acervo, com suas marcas de uso e da forma em que estão dispostos, são capazes de iniciar um processo de reflexão.

Segundo Daniele Bezerra e Juliane Serres (2019) locais semelhantes ao Colônia precisam ser conservados pois são espaços capazes de incomodar a quem visita a ponto de provocar uma reflexão sobre o passado. A partir da análise dos jornais é possível se verificar um aumento significativo das reportagens na imprensa na década de 1970 que tinha como principal pauta a situação da psiquiatria em Minas Gerais com destaque para as denúncias referentes ao Hospital Colônia, no entanto, apesar de o fluxo com que essas ocorrências apareciam na imprensa terem diminuído consideravelmente, na década de 1980, o teor das denúncias e situação preocupante da instituição ainda permaneciam. Nesse sentido, podemos considerar que este passado, no caso do acervo do Museu da Loucura, não estava tão distante do ano de sua inauguração em 1996.

Conforme mencionado anteriormente, os jornais publicados na imprensa mineira também fazem parte do histórico do Colônia, em um primeiro momento, a principal alegação da imprensa escrita ao adentrar no que o editorial de um desses jornais chamou de *itinerário público da loucura* era o de expor ao público como estava a situação dos pacientes que habitavam o Colônia em uma tentativa de que as notícias fossem capazes de sensibilizar a sociedade, Marialva Barbosa (2004) aponta que o jornalista no exercício de sua função realiza seleções e escolhas no que será publicado. Assim, algumas das reportagens também se encontram digitalizadas em tamanho grande e dispostas no segundo andar do Museu e podem ser observadas durante a visita a partir da perspectiva de como o processo de denúncias possibilitou com que a história do Colônia se tornasse pública a partir do que era noticiado.

É possível se observar, que as reportagens selecionadas para integrar o acervo do Museu, tem em vermelho o selo *Nos Porões da Loucura* que foi uma série

de reportagens divulgadas no *Estado de Minas* em 1979 de autoria do jornalista Hiram Firmino. A série representou um marco porque foi uma das primeiras nesse sentido, assumiu a função de denúncia e possuía dentro do jornal um *layout* próprio, sempre acompanhada de imagens e com títulos que chamavam a atenção do leitor além disso, as reportagens da série eram todas numeradas, recebiam o selo que indicava ser uma continuação da série e não dividia a página com nenhuma outra notícia, anúncio ou publicidade. As notícias expostas dentro do Museu assumem não apenas a função de demonstrar ao visitante o processo de denúncias da imprensa, mas também reforçar a importância de tal movimentação para que a situação da Instituição pudesse chegar ao público e como essas movimentações ocorreram para que o visitante tenha noção de como as notícias foram apresentadas à sociedade da época.



(Autoria Própria, 2023)



Além desse uso dos jornais, algumas frases que foram títulos de notícias divulgadas na época aparecem dispostas nas telas que ainda se encontram no primeiro andar do Museu. Uma delas aparece fragmentada e mesclada com imagens dos pacientes em preto e branco em diferentes ocasiões, deitados nos pátios ou despídos. A frase formada nas telas é *Você gosta de Deus? Nós somos Deus* título da matéria de 25/09/1979 que também fazia parte da série *Nos porões da loucura*, o que nomeia a reportagem é uma frase dita por um dos internos para a equipe do *Estado de Minas* durante o processo de denúncias, nessa mesma reportagem o editorial definiu o Colônia como um espaço “úmido e frio”. A mescla entre a frase nas telas e as imagens demonstram assim a existência dessa conexão que o Museu procura criar entre elementos da imprensa da época e exposição no acervo. A inserção do público através dos jornais, que foi ocorrendo de forma gradual em temáticas que por algum tempo foram pouco exploradas e divulgadas, Juliana Sayuri (2019) caracteriza como uma reflexão a partir do fazer jornalístico associado a assuntos históricos.

O posicionamento dos itens aliados à forma com que a iluminação foi posicionada são formas encontradas de facilitar a experiência do visitante ao local. Nem todas as visitas são guiadas e visando essa possibilidade o Museu dispõe de alguns painéis com textos explicativos, direcionados a temas específicos e também a pequenos cartões dos lados dos itens com o nome. Apesar disso, a partir da experiência da visita guiada, com explicações, apontamentos de detalhes que passariam despercebidos e também informações que não constam nos textos, reforçamos a importância da opção por uma visita acompanhada por um funcionário do Museu da Loucura, no sentido de se aproximar das peças expostas a partir de uma forma mais rica em detalhes. O contato com esses patrimônios considerados difíceis demanda um exercício de reflexão que pode ser estimulado a partir das falas e explicações mais detalhadas sobre a história do local e do acervo.

É necessário salientar que a forma que o Museu foi organizado foi um processo que passou por algumas mudanças desde a sua criação. Dentre essas mudanças, a inserção do audiovisual é o grande diferencial da visita, os sons

retirados do documentário *Em nome da razão* (1979) são estrategicamente distribuídos dentro das salas, o diretor da produção em questão optou que a mesma não tivesse trilha sonora, os sons que podem ser ouvidos, são as súplicas, gritos e cantorias dos próprios pacientes e são elas que ocupam os espaços nas salas do Museu.

Em um cômodo específico, cada uma das caixas tem alguns trechos do documentário que não necessariamente se completam e o visitante pode ter um pouco de noção de como era um espaço do hospital a partir dos sons captados no documentário. Tais escolhas e posicionamentos evidenciam a importância do papel do historiador no processo de construção do Museu, para além de atribuir significação a determinados itens, possibilitar que a história do Colônia seja entendida como um processo que estava inserido dentro de uma dinâmica maior, que não fica restrita apenas à Barbacena.

Uma explicação que aparece logo no início do percurso é a explicação sobre como Barbacena passou a ser apelidada pelo termo de “Cidade dos doidos” no cenário nacional. O texto que está localizado em um painel revela que até meados do século XIX, Minas Gerais não contava com locais específicos para o atendimento à sujeitos em sofrimento psíquico que eram atendidos nas Santas Casas de Misericórdia e somente no ano de 1900 é que surgiu a chamada “assistência aos alienados” e durante esse processo é que a cidade a partir de 1903 começa a receber após inauguração do Colônia os pacientes que vinham de diversas localidades do Brasil, não ficando restritas apenas à Minas Gerais.

A partir de uma linha do tempo, é possível se identificar alguns acontecimentos que precederam à inauguração do Hospital Colônia em 1903 e que podem ser acompanhados como um fio-condutor a partir do ano de 1900, passando por anos considerados importantes para a compreensão da ideia do Hospital como, por exemplo, o início de algumas denúncias em 1961, as expectativas para o acontecimento do III Congresso Mineiro de Psiquiatria e outros marcos importantes. A terceira edição do Congresso ocorreu em novembro de 1979 em um momento de efervescência das ideias sobre necessidade de uma

Reforma Psiquiátrica que, diferente das anteriores, repensasse o modelo assistencial existente, contou com a participação de médicos e também da imprensa. Além disso, um dos marcos importantes é a visita do psiquiatra italiano Franco Basaglia, símbolo da Luta Antimanicomial na Itália à Instituição e também às denúncias da imprensa em 1979. É necessário mencionar que a trajetória de Basaglia foi importante na Itália devido suas lutas em prol de mudanças no sistema psiquiátrico e também durante o processo de aprovação da Lei 180.

A linha do tempo é uma forma didática encontrada para facilitar a compreensão do visitante, mostrando o contexto de criação do local e também alguns acontecimentos que ocorreram durante seu funcionamento para que se tenha uma noção geral da complexidade dos fatos que cerca a Instituição e também para pontuar momentos que serão apontados durante o trajeto dentro do Museu.



(Autoria Própria, 2023)

Para apresentar as práticas e tratamentos aplicados dentro do Colônia, os antigos aparelhos para a realização da chamada eletroconvulsoterapia (ECT) popularmente conhecida como tratamento de eletrochoques, o Museu deixou todos os itens expostos, que podem ser vistos pelos visitantes de forma bem próxima ao lado de uma breve descrição dos itens. É possível afirmar que a escolha de tais instrumentos expostos no acervo é para que esses itens sejam vistos pelo público a partir da perspectiva de patrimônios difíceis, que são além de instrumentos médicos, mas que dizem sobre um passado. Nesse sentido, é possível se afirmar “tais patrimônios não são “difíceis” simplesmente por lidarem com memórias do trauma ou da dor, mas porque as próprias práticas de reconhecimento e institucionalização dos locais a eles associados não são consensuais dentro da sociedade.” (MENEGUELLO; PITORELLO, 2019, p. 6).

Podemos observar a partir da imagem, que a ideia de mesclar os antigos itens que faziam parte do cotidiano dos pacientes com fotografias é recorrente em várias salas do local. As imagens da forma e tamanho em que estão dispostas, por si só já causam impacto no visitante, no entanto, quando agregado a elas itens que de fato estavam dentro do antigo hospital e que fizeram parte do que se tem nas imagens atribui uma carga em cima da dimensão de real existente, aproximando o visitante dos fatos. Apesar do reconhecimento pela área médica, foi somente a partir do trabalho da imprensa que o Colônia e seus tratamentos ganharam notabilidade pela sociedade para além da arquitetura imponente e da sua construção com grandes muros e portões, mas sim pelas condições nas quais os pacientes estavam submetidos e que foram expostas ao público.



(Autoria Própria, 2023)

Ainda falando da forma em que os tratamentos foram abordados dentro do Museu, uma pequena sala que fica mais reclusa, no segundo andar do prédio, o visitante é convidado a ter uma noção de como seria a sala em que o procedimento da lobotomia nos pacientes era realizado. A sala é toda em azulejos brancos, sem nenhuma janela e bem estreita, o som que ecoa dentro é de um coração batendo sem parar, simulando o paciente prestes a passar pelo procedimento. O local também possui alguns blocos de explicações e ilustrações sobre como seria a lobotomia.

Seguindo a proposta cronológica da organização do Museu, a última sala é destinada para reforçar a importância da Luta Antimanicomial, com cartazes de campanhas e informativos. Com o sentido de mostrar ao visitante que no processo de saída dos pacientes, sendo que a principal característica que simbolizava a saída dos pacientes era a criação da individualidade dos internos em suas próprias casas.

O chão da sala em questão tem tapetes de diversas cores, escritos “bem-vindo” feitos pelos antigos pacientes, parte desses tapetes enfeitavam as entradas

das suas casas, locais esses que poderiam ser decorados conforme os gostos dos novos moradores, que não estavam mais inseridos dentro de um padrão que os vestia com uniformes nem dizia que aquela era a hora de dormir ou acordar. Além disso, o local também é ornamentado com colchas de retalhos, todas confeccionadas pelos pacientes, assim, essa é sala encerra a visita no Museu e demonstra ao visitante a importância da Luta Antimanicomial no processo de romper com a lógica do sistema que mantinha os pacientes distantes das suas individualidades e de quem verdadeiramente eram.

Os detalhes da arquitetura do prédio em que o Museu funciona e do clima da cidade de Barbacena também fazem parte da visita, é imprescindível que o visitante também caminhe pela parte externa do local para que a partir disso compreenda algumas falas que foram muito divulgadas e reforçadas por algum tempo como a ideia de que a cidade foi escolhida por sediar o Colônia por possuir um clima específico, mais frio, o que seria benéfico para os pacientes. No entanto, as baixas temperaturas mais tarde foram apontadas como responsáveis por mortes de pacientes.

O acervo do Museu da Loucura conta com outros detalhes e particularidades que não foram mencionados nesse texto e que podem ser observados e entendidos quando se visita o local. Outro ponto que também influencia são as experiências individuais de cada um, durante a visita é comum encontrar reações variadas das pessoas que circulam pelo Museu.

### **Considerações Finais**

A visita ao Museu da Loucura é uma válida experiência para que seja possível que entendamos a importância na preservação dos chamados patrimônios difíceis. O local, em um primeiro momento, foi uma forma encontrada de aproximar o público de um passado doloroso voltado para uma Instituição psiquiátrica e que recebeu pacientes de variadas localidades do Brasil e também de romper com certos estigmas existentes tanto dentro da própria cidade de Barbacena, quanto da sociedade que enxergava Barbacena dentro dos muros do Colônia.



Reforçamos que o ato de se preservar e idealizar locais como o Museu da Loucura são tarefas árduas visto que, um local como o Hospital Colônia além de complexo em sua formação também não desperta na sociedade repentinamente o desejo de preservar. A idealização do projeto surgiu a partir da necessidade de se romper com estigmas e reforçar o papel da luta antimanicomial naquele contexto.

O destaque para o olhar sensível do historiador deve ser mencionado nesse cenário justamente pela capacidade que o Museu tem de trazer para o contato do público as memórias do Hospital Colônia a partir da construção de uma narrativa que demonstra toda a sua formação, funcionamento, denúncias e desestruturação do modelo de assistência da época. É importante os esforços que tenham como objetivo principal o de manter o funcionamento do local com a estrutura adequada para receber o visitante e que também possibilite que o público compreenda o que são os patrimônios difíceis e a importância que se tem em preservá-los.

A história pública nesse sentido, é entendida aqui como o ato de se tornar público os itens que faziam parte do cotidiano dos e das pacientes em sofrimento psíquico que habitaram o Colônia. No entanto, a exposição desses itens não acontece de forma aleatória, são mediadas por escolhas e por um olhar cuidadoso do historiador capaz de selecionar os itens e organizá-los dentro de uma narrativa que sirva como fio-condutor de quem tem a oportunidade de visitar o local.

A forma com que o acervo está organizado tem início, meio e continuação porque não acaba quando o Colônia deixa de funcionar ou quando deixa de receber pacientes em suas dependências. O romper com todo o estigma que foi criado em torno da periculosidade e da existência de uma necessidade em manter as pessoas afastadas do convívio social é um exercício constante, que é justamente o que a última sala do Museu nos lembra. O Museu da Loucura, aberto para visita do público, além de uma forma de preservar a história do local também assume um compromisso com a sociedade em manter as memórias dos pacientes que por ali passaram.

**Fontes:**

JORNAL ESTADO DE MINAS. *A carta de um homem que deseja a paz*. Belo Horizonte, 27 set. 1979, p. 8-9.

JORNAL ESTADO DE MINAS. *Barbacena: a face política da loucura*. Belo Horizonte, 22 set. 1979, p. 8.

JORNAL ESTADO DE MINAS. *Franco Basaglia ou um estranho no ninho*. Belo Horizonte, 08 jul. 1979, p. 9.

JORNAL ESTADO DE MINAS. *Você gosta de Deus? Nós somos Deus*. Belo Horizonte, 25 set. 1979, p. 8.

RATTON, H. *Em nome da razão*. Grupo Novo Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental. Barbacena. 1979. 1 vídeo áudio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvjywl4G9c&t=115s>. Acesso em: 01 out. 2023.

**Referências**

BARBOSA, M. C. *Jornalistas, “senhores da memória”?* In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 17, anais [...], Porto Alegre. 2004.

BERGAMINI, V. *Bárbaras cenas: ecos do holocausto brasileiro após a reforma psiquiátrica nos discursos sobre A cidade dos loucos e das rosas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 305p.

BEZERRA, D. B.; SERRES, J.C. *A musealização de um passado ambíguo: O caso dos lugares de isolamento compulsório, entre afetos privados e a transmissão de uma memória heroica da saúde*. In: Revista Memória em Rede, v. 11, n. 20, jan/jun de 2019. (ISSN eletrônico 2177-4129). Acesso em: 30 out. 2023.

DUARTE, M. N. *De “ares e luzes” a “inferno humano”*. Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. Estudo de caso. 2009. 273f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

GODOY, A. B. de. Arquivos de Barbacena, a Cidade dos Loucos: o manicômio como

lugar de aprisionamento e apagamento de sujeitos e suas memórias. In: Revista Investigações(Online), v.27, n.2, julho de 2014. (ISSN eletrônico 2175-294X). Acesso em: 01 nov. 2023.

MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MENEGUELLO, C.; PISTORELLO, D. Apresentação - *Patrimônios difíceis e ensino de História: uma complexa interação*. Revista História Hoje, [S. l.], v. 10, n. 19, p.

4–11, 2021. DOI: 10.20949/rhhj.v10i19.775. Disponível em:  
<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/775>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SAYURI, J. A história é notícia: temas históricos e o ofício do historiador em reportagens publicadas na Folha de S. Paulo. In: CARVALHO, B. L. P.; TEIXEIRA, A. P. T. (ed.). *História Pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. 160p.